

Microcrédito deve ir aonde o pobre está

Microcrédito deve ir aonde o pobre está

Robinson Borges

Apesar de o presidente Luiz Inácio Lula da Silva ter se empenhado em defender o microcrédito como instrumento de redução da pobreza, o Brasil não tem obtido êxito em seus programas de microfinanciamento. De acordo com dados do Banco Central, os bancos realizaram menos de 40% do total das aplicações obrigatórias em operações de microcrédito no ano passado.

Para entidades de classe do microcrédito, o principal vilão do fracasso do projeto, em 2004, foi a falta de experiência e de interesse dos bancos em atuar no segmento - mesmo sofrendo a punição de ter de recolher compulsoriamente, sem remuneração, R\$ 800 milhões no mês passado, por não cumprir a meta do Banco Central.

Em entrevista ao Valor, Muhammad Yunus, "pai" do sistema microcrédito e fundador do Grameen Bank, uma bem-sucedida instituição de microfinanciamento em Bangladesh, os programas destinados a empréstimos aos pobres devem caminhar na contramão dos bancos convencionais. "As entidades tradicionais que emprestam dinheiro não são o veículo apropriado para o microcrédito", afirmou o economista Yunus, que considera o presidente Lula um importante porta-voz mundial do combate à pobreza e da valorização do microcrédito.

Para ele, as instituições de empréstimo têm de ir aonde o pobre está, batendo em suas portas e tornando o sistema de microcrédito o mais inteligível possível, inclusive para os analfabetos. Também considera fundamental a formação de uma equipe especializada para atender à demanda deste público.

"Os treinamentos devem ser rigorosos para a equipe de gerentes por meio dos quais se passa a filosofia e o método do prestador. Essas mensagens devem ser transmitidas e chegar a todos os níveis hierárquicos. Todos têm de ter clara a percepção da missão do banco. Esse aspecto é que à construção de uma instituição forte para o microcrédito", diz.

O projeto do Grameen Bank começou quando Yunus era um professor universitário e verificou que, em Bangladesh, havia grande contingente de pessoas que sobreviviam com atividades informais - muitas delas com chances de progredir -, mas que ficavam estagnadas por falta de acesso a crédito. Diante dessa realidade, reuniu alunos e formou um fundo de investimentos, que emprestou US\$ 27 a 42 pessoas. O resultado foi positivo. O nível de inadimplência foi zero, e o êxito levou à obtenção de doações de bancos privados e entidades internacionais para dar início às operações do Grameen.

O banco possui, atualmente, carteira com cerca de 2,4 milhões de clientes e já disponibilizou crédito a 75% das famílias das classes mais baixas de Bangladesh, com taxa de inadimplência de 5%. Possui 22 subsidiárias e um patrimônio estimado em US\$ 1 bilhão. Leia a seguir os principais trechos da entrevista de Yunus ao Valor.

Valor: O presidente Luiz Inácio Lula da Silva tem sido um advogado do microcrédito. O sr. teve acesso ao programa brasileiro?

Muhammad Yunus: Sim. O presidente Lula é uma pessoa muito séria no combate à pobreza e à injustiça e tem sido um grande advogado do microcrédito como instrumento para ajudar os pobres brasileiros.

Valor: Mas no Brasil há problemas na realização efetiva do programa via bancos. O sr. acha que os bancos são instituições adequadas para emprestar dinheiro no sistema de microcrédito?

Yunus: A maioria das instituições de microcrédito começam como organizações sem fins lucrativos, com um compromisso com mudanças sociais. O fato de implementar o microcrédito por esse tipo de instituição tem dado dinamismo a muitos países. Mas, num certo estágio, essas instituições ficam restritas por causa da dependência de recursos externos. Nesta etapa é importante transformar-se numa instituição financeira que possa mobilizar poupanças e investimentos além de ter acesso a fundos do mercado de capitais. Mesmo assim, defendo que elas devam ser bancos de microfinanciamento criadas por lei especial. Seriam fundamentalmente diferentes dos bancos convencionais.

Valor: O sr. já declarou que o dinheiro sozinho não faz com que um programa de microcrédito funcione e que seria necessário um processo de fortalecimento das instituições que oferecem microcrédito. Como elas devem ser construídas?

Yunus: É necessária uma maior facilidade para os pobres terem acesso ao mecanismo de microfinanciamento. No Grameen Bank, criamos um sistema que ia na contramão dos bancos tradicionais, que, por natureza, excluem os pobres. Não temos exigências e levamos o serviço do banco às portas das pessoas. Os procedimentos são simples e fáceis de entender e não exigem do tomador de empréstimo que seja alfabetizado. Além disso, as mulheres formam grupos de cinco pessoas em seus bairros antes de obter o dinheiro. Esses grupos podem se transformar em centros federais, geralmente constituídos por, no mínimo, oito grupos. Os integrantes dos grupos e dos centros ganham força individual por meio da solidariedade e também se concede às mulheres a oportunidade de desempenhar o papel de líder nesses grupos ou centros. Esses centros estão em mais de 48 mil vilarejos de Bangladesh e já promoveram uma mudança drástica na vida social e econômica dessas mulheres.

Valor: O que é fundamental para o sucesso de um programa?

Yunus: O primeiro é usar uma metodologia fácil para as pessoas entenderem claramente do que se trata, isto é, deve-se esclarecer que os empréstimos devem ser pagos em pequenos pagamentos semanais, com participação de reuniões semanais nos centros, como é importante a formação de grupos e centros, além de oferecer procedimentos transparentes. Outro ponto é assegurar que os pobres serão beneficiados, especialmente as mulheres. O microcrédito deve ser oferecido para a criação de microempresa e para geração de renda, e não para consumo.

Valor: O Grameen Bank dirigiu-se a outras áreas além do microempréstimo. Por que decidiu ampliar as atividades?

Yunus: Trabalhamos também na área de acesso à educação, tecnologia para os pobres, seguro de vida e outras. Nosso objetivo é tirar 4,1 milhões de membros e suas famílias da linha da pobreza. Por isso, estamos envolvidos com educação. Trata-se de uma forma de garantir aos membros das famílias beneficiadas pelo microcrédito de manter os ganhos obtidos pelas mães ao serem integrantes do grupo atendido pelo Grameen. Até dezembro, mais de 14 mil crianças em vários níveis escolares receberam bolsas.

Valor: O sr. já declarou que o dinheiro sozinho não faz com que um programa de microcrédito funcionar e que seria necessário um processo de fortalecimento das instituições que oferecem microcrédito. Como elas devem ser construídas?

Yunus: É necessária uma maior facilidade para os pobres terem acesso ao mecanismo de microfinanciamento. No Grameen Bank, criamos um sistema que ia na contramão dos bancos tradicionais, que, por natureza, excluem os pobres. Não temos exigências e levamos o serviço do banco às portas das pessoas. Os procedimentos são simples e fáceis de entender e não exigem do tomador de empréstimo que seja alfabetizado. Além disso, as mulheres formam grupos de cinco pessoas em seus bairros antes de obter o dinheiro. Esses grupos podem se transformar em centros federais, geralmente constituídos por, no mínimo, oito grupos. Os integrantes dos grupos e dos centros ganham força individual por meio da solidariedade e também se concede às mulheres a oportunidade de desempenhar o papel de líder nesses grupos ou centros. Esses centros estão em mais de 48 mil vilarejos de Bangladesh e já promoveram uma mudança drástica na vida social e econômica dessas mulheres.

Valor: O que é fundamental para o sucesso de um programa?

Yunus : O primeiro é usar uma metodologia fácil para as pessoas entenderem claramente do que se trata, isto é, deve-se esclarecer que os empréstimos devem ser pagos em pequenos

pagamentos semanais, com participação de reuniões semanais nos centros, como é importante a formação de grupos e centros, além de oferecer procedimentos transparentes. Outro ponto é assegurar que os pobres serão beneficiados, especialmente as mulheres. O microcrédito deve ser oferecido para a criação de microempresa e para geração de renda, e não para consumo.

Valor: O Gramneen Bank dirigiu-se a outras áreas além do microempréstimo. Por que decidiu ampliar as atividades?

Yunus: Trabalhamos também na área de acesso à educação, tecnologia para os pobres, seguro de vida e outras. Nosso objetivo é tirar 4,1 milhões de membros e suas famílias da linha da pobreza. Por isso, estamos envolvidos com educação. Trata-se de uma forma de garantir aos membros das famílias beneficiadas pelo microcrédito de manter os ganhos obtidos pelas mães ao serem integrantes do grupo atendido pelo Grameen. Até dezembro, mais de 14 mil crianças em vários níveis escolares receberam bolsas.

Fonte: Valor Econômico - 28/02/2005 - edição nº 1209

A Presidente do ICCAPE, Tânia Machado, apóia e reitera a opinião de Muhammad Yunus, quanto a questão do microcrédito, e afirma que "O Yunus falou exatamente aquilo que vivemos repetindo para os governos e que eles teimam em não aplicar" desabafou Tânia.